

---

# PONTOS DE CONTATO ENTRE GRACILIANO RAMOS E DOSTOIÉVSKI

## POINTS OF CONTACT BETWEEN GRACILIANO RAMOS AND DOSTOEVSKY

---

Ana Paula Valandro 

[apvalandro@outlook.com](mailto:apvalandro@outlook.com)

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - *Campus Pato Branco*.

Mirian Ruffini

[mirianr@utfpr.edu.br](mailto:mirianr@utfpr.edu.br)

Universidade Tecnológica Federal do Paraná - *Campus Pato Branco*.

Wellington Ricardo Fioruci

[fioruci@utfpr.edu.br](mailto:fioruci@utfpr.edu.br)

Departamento de Letras (DALET). Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - *Campus Pato Branco*.



### Dossiê

DOSTOIÉVSKI: 200 anos

### Organizadores:

Dr. João Vianney Cavalcanti Nuto



Dr. André Luis Gomes



Dr. Luciano Ponzio



v. 31, n. 58, abr. 2022  
Brasília, DF  
ISSN 1982-9701



### Fluxo da Submissão

Submetido em: 22/11/2021

Aprovado em: 05/05/2022

Distribuído sob



### Resumo/Abstract Palavras-chave/Keywords

Este artigo é uma análise comparativa entre os romances *Angústia*, de Graciliano Ramos e *Memórias do Subsolo*, de Fiódor Dostoiévski. O objetivo principal corresponde a identificar os aspectos modernos na cosmovisão dos protagonistas dos romances. Os demais objetivos são cotejar o contexto sócio-político da Rússia e do Brasil, segundo Coutinho (1978) e Bakhtin (2018); compreender o fenômeno moderno segundo Bauman (2001) e Berman (2007) e investigar a relação entre os protagonistas das obras com a modernidade.

Dostoiévski; Graciliano Ramos; Modernidade; Literatura Comparada.

This essay is a comparative analysis between the novels *Anguish*, by Graciliano Ramos and *Notes from Underground*, by Fyodor Dostoevsky. This research's main objective is to identify modern aspects in the novel's protagonists. Other objectives are to investigate the social-political context from Russia and Brazil, according to Coutinho (1978) and Bakhtin (2018); to comprehend the development of modernity according to Bauman (2001) and Berman (2007) and to investigate the connection between the protagonists from the novels with modernity.

Dostoevsky; Graciliano Ramos; Modernity; Comparative Literature.

## Introdução

Este artigo tem como temática a comparação entre *Angústia*, de Graciliano Ramos e *Memórias do Subsolo*<sup>1</sup>, de Fiódor Dostoiévski e visa investigar a aproximação do enredo de tais romances, bem como as correlações entre os personagens principais. A análise pretende demonstrar se Luís da Silva e o Homem do Subsolo apresentam características em comum com a modernidade. São analisados, portanto, o contexto sócio-político do Brasil na década de 1930 e da Rússia na década de 1850 e 1860. São igualmente analisadas as características da ascensão do fenômeno moderno e, por fim, é realizada a análise comparativa entre os romances. A finalidade deste artigo é identificar em que medida os personagens e as respectivas obras dialogam com a modernidade relativa ao recorte histórico escolhido.

A problemática centra-se na questão de como e se os romances denunciam a sociedade moderna, na qual os sujeitos, assim como os personagens, se encontram derrotados pelo apagamento de suas ambições ou pelo sufocamento da ausência delas no mundo hierárquico moderno regido pelo capital. Essa problemática norteará o artigo e somente será aprofundada à medida em que forem avaliadas as duas obras e seus contextos históricos.

Posto isso, o objetivo principal deste artigo é identificar os aspectos modernos presentes na cosmovisão dos protagonistas de *Angústia* e *Memórias do Subsolo*. Os demais objetivos desta análise correspondem a (a) cotejar o contexto sócio-político da Rússia e do Brasil, (b) compreender o processo de maturação do fenômeno moderno com base no estudo de sociólogos que dissertam sobre o tema; (c) investigar a relação entre os protagonistas das obras e a modernidade, utilizando os parâmetros de estudo da Literatura Comparada.

## O cenário sócio-político da Rússia nos meados do século XIX

A contextualização da situação sócio-política da Rússia, no período em que Dostoiévski escreveu seus romances, é de particular relevância devido aos movimentos populares e revoltas que aconteceram e mudaram a história do país. É necessário estabelecer o parâmetro da situação política e social, para que sejam compreendidas as adversidades que a população russa enfrentava. Marshall Berman (2007, p. 223-225) aponta que no início do século XIX a desigualdade econômica era enorme, além do crescimento econômico ter sido vagaroso:

Pedro, o Grande, tinha assassinado e aterrorizado para abrir uma janela para a Europa, caminho para o progresso e desenvolvimento da Rússia; Nicolau e sua polícia estavam reprimindo e brutalizando para fechar essa janela [...] [no reinado de] Alexandre I, os círculos governamentais haviam percebido que a servidão – por manter a vasta maioria da população agrilhoadada à terra e aos senhores, desencorajava os proprietários de terra a modernizar suas fazendas (ou os encorajava, de fato, a não as modernizar) e impedia o crescimento de uma força de trabalho livre e móvel – era a principal força retardadora do crescimento econômico do país. A insistência de Nicolau na santidade da servidão assegurou a contenção do desenvolvimento econômico russo no exato momento em que as economias da Europa ocidental e dos Estados Unidos estavam tomando impulso.

A situação de servidão era insustentável e o regime autocrata dos czares perdia o apoio da população. Com isso, aconteceram diversos levantes organizados pela população rural em prol da libertação dos camponeses desde 1826 até 1854. O czar Alexandre II, percebendo que a abolição do regime de servidão traria benefícios para a economia do país, decreta seu fim em 1861. A situação dos camponeses, no entanto, era a de dívidas e fome, visto que perderam

1 A versão analisada nesta pesquisa é traduzida por Boris Schnaiderman e leva o título de *Memórias do Subsolo*, em demais traduções esse título pode ser encontrado também como *Notas do Subterrâneo* e *Notas do Subsolo*.

as terras onde moravam ao serem libertados, Berman (2007, p. 250) exemplifica esse fato:

Entretanto, o decreto de emancipação produziu frutos amargos. Logo se constatou que os servos continuavam aprisionados a seus senhores, que recebiam ainda menos do que lhes era anteriormente destinado, que estavam expostos a toda uma nova ordem de obrigações emanadas das comunas das vilas e que eram, na verdade, livres apenas nominalmente. [...] Os russos haviam esperado com fervor que o decreto de emancipação levasse a Rússia a uma nova era de irmandade e regeneração social e que fizesse dela um exemplo para o mundo moderno; em vez disso, obtiveram uma sociedade de castas apenas um pouco modificada.

Apesar da ínfima esperança que a abolição da servidão tenha causado no povo russo, a situação econômica das classes mais pobres continuava essencialmente a mesma, pois não havia liberdade de expressão e a crescente classe proletária ainda não possuía direitos. A falta de políticas públicas que promovessem assistência para as populações carentes e de servos recém libertos fez com que o cenário russo fosse de descontentamento e miséria. Em contrapartida, o crescimento da força dos ideais socialistas e marxistas, que acontecia na Europa ocidental, chegou até à juventude intelectual russa e aos círculos chamados de “conspiradores”, como o de Petrashevski<sup>2</sup>, do qual Dostoiévski fez parte.

A insatisfação dos russos diante do descalço dos czares com sua população, somada à crise instaurada no país, culminou no processo de transformação que levaria ao movimento revolucionário russo em 1917. Segundo Melo (2019, p. 22), seus maiores motivos foram: “O alastramento do estudo e da prática clandestina de ideias socialistas somado à acelerada evolução da indústria e da técnica, acompanhada pela evolução da classe proletária”. Após a Revolução de 1917, iniciou-se a preparação para que a Rússia se tornasse a União das Repúbli-

cas Socialistas Soviéticas em 1922, governada por líderes de partidos comunistas.

### A intensa década de 1930 no Brasil

Para a compreensão do contexto histórico em que *Angústia* foi escrito, é necessário fornecer o panorama da conjuntura política brasileira desde a proclamação da República, em 1889. O Brasil havia recém abolido a escravidão, devido a interesses essencialmente econômicos e, no final do século XIX, vivia o momento de decadência da monarquia. As oligarquias agrárias começaram a ver esse sistema como um entrave para seus interesses e ansiavam por representação política. Dessa forma, houve o colapso do Império e a proclamação da República. A situação do Brasil, no entanto, não era próspera, pois os escravizados, recém libertos, não obtiveram nenhum amparo para recomeçarem suas vidas, permanecendo marginalizados. Da mesma forma, a ascensão do capitalismo somente contribuiu para maior desigualdade social, conforme exemplifica Carlos Nelson Coutinho (1978, p. 75), a respeito dessa relação:

O desenvolvimento do capitalismo, que se processava no interior da economia semi-feudal e dependente, não apresentava as mesmas características revolucionárias que tivera na Europa Ocidental: ao invés de contribuir para romper as paredes daquele ‘pequeno mundo’, mais ainda as fortalecia, colaborando para transformar o isolamento e a solidão passivos em individualismo ativo e prático. [...] O egoísmo individualista da luta pelo lucro, a cisão radical entre *bourgeois* e *citoyen*<sup>3</sup> [grifo do autor], a redução do homem a simples mecanismo de produção capitalista, o conseqüente fracionamento da comunidade – eis o que substituiu na realidade os ideais grandiosos do homem total e da comunidade democrática.

O capitalismo no Brasil, portanto, se desenvolveu sobre valores individuais que impediam a sociedade de evoluir como um todo,

2 O círculo de Petrashevski era composto por jovens russos e em suas reuniões era comum que fizessem a leitura de romances, muitos deles proibidos pelo regime czarista de Nicolau I. Eles também planejaram estabelecer uma tipografia própria.

porquanto o crescimento pessoal baseava-se no acúmulo de capital individual e não no bem-estar social. Inicia-se, assim, o século XX no Brasil e alguns movimentos começavam a eclodir. Um exemplo deles foi o Modernismo, que teve grande destaque da literatura na década de 1920. Impulsionado pelo inconformismo dos literatos frente à literatura que vinha sendo produzida no Brasil, esse movimento foi inaugurado pela Semana de Arte Moderna de 1922, mas não esteve livre das críticas. Luís Bueno (2006) aponta que era consenso entre os intelectuais da época, ou seja, os romancistas, poetas e críticos, a desaprovação perante esse movimento. Graciliano Ramos, inclusive, externou sua opinião contrária aos trabalhos feitos no Modernismo, porque segundo ele:

Havia material e havia pessoas capazes de servir-se dele. Tínhamos, porém, vivido numa estagnação. Ignorância das coisas mais vulgares, o país quase desconhecido. Sujeitos pedantes, num academicismo estéril, alheavam-se dos fatos nacionais, satisfaziam-se com o artifício, a imitação, o brilho do plaquê. Escreviam numa língua estranha, importavam ideias, reduzidas. (RAMOS *apud* BUENO, 2006, p. 47)

Diversas outras críticas foram destiladas por Graciliano Ramos contra os modernistas. Porém, ele reconheceu o propósito da Semana de Arte Moderna: preparar o terreno para as gerações literárias futuras. Dessa maneira, o romance de 30 se definiu e ganhou destaque a partir do Modernismo, entretanto, ele se afasta da utopia modernista, para adentrar na ficção brasileira com seus próprios propósitos. A queda da sociedade colonial brasileira na economia semifeudal e pré-capitalista destacava a ausência de uma classe social que promovesse revolução democrática e empurrava o destino do país a enorme desigualdade social, vista até os dias de hoje. Segundo Coutinho (1978, p. 74), não é em vão que o romance de 30 seja o movimento de maior profundidade realista da história da literatura brasileira: “E,

no seu interior, Graciliano é a figura mais alta e representativa. É ele quem mais radicalmente se liberta da mistura de romantismo (‘revolucionário’ ou reacionário) e de naturalismo, que ainda vemos existir em grande parte de seus contemporâneos.” Portanto, a somatória da conjuntura política, econômica e social brasileira, junto ao descontentamento dos literatos frente à literatura que vinha sendo feita, resulta no engajamento social do romance de 30.

### Aspectos do fenômeno moderno na Rússia e Brasil

Para que seja possível realizar o paralelo entre os protagonistas de *Angústia* e *Memórias do Subsolo* com a modernidade, é crucial compreender a identidade do ser humano moderno, bem como as características desse fenômeno, suas consequências e desdobramentos. O sociólogo Anthony Giddens, em *As Consequências da Modernidade* (1991), aponta que a sociedade moderna adota caráter profundamente reflexivo e ela baseia-se no fato de que todas as práticas referentes à vida humana são constantemente examinadas e reformuladas. Segundo Giddens (1991, p. 39-40), tal prática indiscriminada de reflexão:

É claro, inclui a reflexão sobre a natureza da própria reflexão [...] A modernidade é constituída por e através de conhecimento reflexivamente aplicado, mas a equação entre conhecimento e certeza revelou-se erroneamente interpretada. Estamos em grande parte num mundo que é inteiramente constituído através de conhecimento reflexivamente aplicado, mas onde, ao mesmo tempo, não podemos nunca estar seguros de que qualquer elemento dado deste conhecimento não será revisado.

O caráter fortemente reflexivo e revisionista da modernidade, portanto, faz com que as práticas sociais estejam em constante movimento e já não sejam mais estáticas como nas sociedades tradicionais. Uma consequência do

3 Cidadão: o homem que sintetiza em si a vida pública e a vida privada.

constante movimento da sociedade moderna é a concepção do sujeito moderno, esse indivíduo que passa a ser definido como alienado, exilado ou isolado porque se encontra sozinho na multidão de seres cujas feições não aparentam particularidades frente a cenários aparentemente repetidos. Tal tendência homogeneizante é o que Zygmunt Bauman (2001, p. 37) chama de modernidade pesada:

Essa modernidade era inimiga jurada da contingência, da variedade, da ambiguidade, da instabilidade, da idiossincrasia, tendo declarado uma guerra santa a todas essas 'anomalias'; e esperava-se que a liberdade e autonomia individuais fossem as primeiras vítimas da cruzada. Entre os principais ícones dessa modernidade estavam a fábrica fordista, que reduzia as atividades humanas a movimentos simples, rotineiros e predeterminados, destinados a serem obediente e mecanicamente seguidos, sem envolver as faculdades mentais e excluindo toda espontaneidade e iniciativa individual.

A homogeneização consistia em transformar a atividade humana em fórmula que pudesse estar em adequação ao modelo capitalista de produção. Tal conceito de modernidade é relativo especificamente à Europa; porém, esse parâmetro inicial é tópico pertinente a ser abrangido neste artigo, porquanto determina a difusão do mecanismo moderno para algumas partes do mundo. Esse é o caso do Brasil, no qual o surgimento do capitalismo ocorreu devido à decadência da sociedade semicolonial em crise, a qual foi se adaptando ao modelo econômico que surgia na Europa Ocidental após a Revolução Industrial de 1760.

No entanto, a Europa vivia o momento pós Iluminismo, o que contribuiu para que a ideologia humanista tivesse papel ativo na tentativa de criação de uma sociedade que priorizasse os interesses do bem comum. Ainda assim, o processo de desenvolvimento capitalista europeu impediu a criação dessa comunidade democrática, substituindo os ideais humanistas pela corrida individualista em prol do lucro e reduzindo o ser humano a ferramenta de pro-

dução capitalista. Carlos Nelson Coutinho (1978, p. 75) exemplifica esse modelo:

Contudo, a simples formulação desta ideologia humanista – bem como as trágicas tentativas de levá-la radicalmente à prática – marcaram profundamente a realidade europeia. Mesmo como ideologia utópica, o humanismo revolucionário desempenhou um papel ativo nas sociedades ocidentais, ensinando os homens a ver além dos estreitos horizontes de um 'pequeno mundo' filisteu.

No Brasil, a realidade foi um pouco diferente. O surgimento do capitalismo teve início com a decadência da sociedade semicolonial em crise. O país estava no estágio de economia pré-capitalista e sua classe burguesa se atrelou às antigas classes dominantes como forma de ascensão e preservação de riqueza. Em vista disso, a burguesia se privou das condições que possibilitariam uma revolução democrática – na qual a formação de uma comunidade humana fosse iniciada para que a população tivesse participação política ativa. Essa condição, somada à falta de ideais comunitários, ocasionou a alienação do povo brasileiro que estava condenado à estagnação social. A população foi destinada à busca inalcançável por lucro e ao esvaziamento de sentido para a vida, como Coutinho (1978, p. 79) exemplifica:

É precisamente esta a forma estrutural dos romances de Graciliano Ramos. Representando uma realidade fragmentada (a nossa sociedade semicolonial, penetrada por elementos capitalistas), que desconhece um 'grande mundo' comunitário, Graciliano representa também as lutas individuais por descobrir, no interior deste mundo alienado ou em oposição a ele, um sentido para a vida.

A ficção de Graciliano Ramos se torna realismo profundo, porque demonstra o funcionamento da sociedade brasileira, na qual coexistiam valores burgueses, em conformidade com a individualização e a conquista pelo lucro, e indivíduos que tentavam romper com esse mundo alienado. Essa inconformidade será

representada pelo herói problemático na ficção de Graciliano, que carrega a perfeita fusão entre indivíduo e classe, como aponta Coutinho (1978, p. 79): “seus personagens são sempre tipos autênticos precisamente na medida em que expressam em suas ações o máximo de possibilidades contidas nas classes sociais a que pertencem.”

A ascensão da modernidade na Rússia foi também um tanto tardia, Berman (2007, p. 206), exemplifica o que a Rússia experienciava enquanto diversas partes do mundo adentravam no período chamado modernidade:

Um dos fatos cruciais da história moderna da Rússia é que a economia do império se estagnava, em certos aspectos até mesmo regredia, no exato momento em que as economias das nações ocidentais davam um salto espetacular à frente. Portanto, até o dramático surto industrial da década de 1890, os russos do século XIX experimentaram a modernização principalmente como algo que *não* [grifo do autor] estava ocorrendo, ou como algo que estava ocorrendo à distância, em regiões que, embora visitassem, experimentavam mais como fantásticos antimundos que realidades sociais. [...] A angústia do atraso e do subdesenvolvimento desempenhou um papel central na política e na cultura russa, da década de 1820 ao período soviético.

Berman disserta sobre a disparidade entre a então capital São Petersburgo e o restante das cidades russas no século XVIII e XIX. Sua construção foi iniciada por Pedro I em 1703 e objetivava a representação do desenvolvimento russo como uma “janela para a Europa”. A edificação rápida e ininterrupta rendeu resultados, porque no período de duas décadas foi considerada uma das maiores metrópoles da Europa. No entanto, somente a capital russa parecia se desenvolver, segundo Berman (2007, p. 210-211): “A singularidade de São Petersburgo residia, primeiramente, no gigantismo de suas proporções; segundo, na disparidade radical, em níveis ideológico e ambiental, entre a capital e o resto do país, uma disparidade que gerou resistência violenta e polarização duradoura”. A mencionada disparidade era vista

inclusive dentro da própria Petersburgo, porque atrás dos gigantescos edifícios se escondiam favelas. O dilema da dualidade entre a capital e a realidade do país foi temática recorrente na literatura russa, visto que os grandes espaços de Petersburgo oprimiam seus habitantes, o que fazia com que a vida pública da capital fosse quase inexistente. A literatura de Dostoiévski traz essa temática, bem como o escritor Puchkin em *O Cavaleiro de Bronze*, para citar outro exemplo.

### Dos subterrâneos russos para o nordeste brasileiro

A modernidade nos romances pode ser percebida em seu estilo de narrativa e algumas correspondências podem ser encontradas entre *Angústia* e *Memórias do Subsolo*. Mikhail Bakhtin, em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2018, p. 48), menciona o recurso de monólogo interior utilizado por Dostoiévski no primeiro capítulo do romance:

Na ocasião, estava escrevendo uma novela em três capítulos, diferentes entre si pelo conteúdo, mas com unidade interior. O primeiro capítulo é um monólogo polêmico e filosófico, e o segundo um episódio dramático, que prepara o desfecho catastrófico do terceiro capítulo.

Esse tipo de organização fragmentada assemelha-se, ainda que não completamente, à estrutura de *Angústia*. Assim como o romance de Graciliano é composto por digressões, lembranças e fatos do presente, *Memórias do Subsolo* também possui essa característica, porém dividida em capítulos que especificam as digressões. Carlos Nelson Coutinho (1978, p. 94-103) comenta a estrutura de *Angústia*:

*Angústia* é um romance tecnicamente ‘vanguardista’: além do uso frequente do monólogo interior em sua forma da livre associação de ideias, encontramos nele uma radical fragmentação do tempo, o que aproxima das mais audaciosas experiências do romance da decadência. [...] Graciliano busca precisamente, com o auxílio da *stream of consciousness*, [grifo do autor] tornar

imediatamente evidente uma realidade concreta e essencial: o desequilíbrio e a dissolução psíquica do personagem, reproduzindo com maior intensidade dramática o seu desespero e a sua derrota socialmente condicionados. Trata-se, portanto, do emprego de uma *técnica* visando a acentuar a realidade para melhor narrá-la [...] em *Angústia*, o monólogo interior é sempre um instrumento do realismo, nunca um fim em si.

*Angústia* se difere dos outros livros de Graciliano porque nesse romance, segundo Coutinho (1978), existe um tríplice tempo narrativo – a narração feita no presente, as recordações do passado e da infância de Luís da Silva e o tempo subjetivo interior do personagem, o que leva o leitor a ser introduzido no universo estilizado do romance. A estrutura formal, como aponta o pesquisador, tem como base a problemática do herói e do mundo alienado e, para isso, Graciliano escolhe englobar na narrativa as técnicas de vanguarda. Esse recurso permite que Luís da Silva faça diversas digressões e transpareça ao leitor a vontade que ele tem de rememorar o passado pelo simples fato de não ter o desejo de estar no presente que tanto o prejudica. Ou seja, a estrutura escolhida por Graciliano para a composição de *Angústia* não é despropositada, visto que ela foi utilizada como mais um recurso para compor a cosmogonia de Luís da Silva, personagem principal do romance. Bakhtin (2018, p. 52) disserta sobre a construção dos personagens de Dostoiévski:

A personagem não interessa a Dostoiévski como um fenômeno da realidade, dotado de traços típicos-sociais e caracterológico-individuais definidos e rígidos, como imagem determinada, formada de traços monossignificativos e objetivos que, no seu conjunto, respondem à pergunta: ‘quem é ele?’ A personagem interessa a Dostoiévski enquanto *ponto de vista específico sobre o mundo e sobre si mesma* [grifo do autor], como posição racional e valorativa do homem em relação a si mesmo e à realidade circundante.

Em vista disso, Dostoiévski constrói suas personagens de maneira com que elas se desenvolvam durante a narrativa e, em maioria das vezes, que reflitam características, ideologias, aspectos de suas personalidades, angústias e a sua forma de perceber o mundo e como ele as afeta através do diálogo – importante ferramenta na literatura de Dostoiévski – com outros personagens romanescos presentes nas obras. Além disso, outros mecanismos propulsores para a evolução dessas personagens são as peripécias que as envolvem.

Em relação à estrutura cíclica de *Angústia*, o narrador protagonista inicia seu relato declarando: “levantei-me há cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me restabeleci completamente.” (RAMOS, 1975, p. 7) e após apresentar ao leitor nos capítulos iniciais a sua pacata vida e descrever todos os seus vizinhos, colegas de repartição, dentre outros indivíduos e fatos, ele inicia realmente a digressão em que contará os eventos que desencadearam o acontecimento que o fez “levantar há cerca de trinta dias”. A digressão começa dessa maneira:

Em janeiro do ano passado estava eu uma tarde no quintal, deitado numa espreguiçadeira, fumando e lendo um romance. O romance não prestava, mas os meus negócios iam equilibrados, os chefes me toleravam, as dívidas eram pequenas – e eu rosnavava com um bocejo tranquilo: - Tem coisas boas neste livro. (RAMOS, 1975, p. 31)

É assim que Luís da Silva inicia seu relato sobre o ano em que passou obcecado pela vizinha, Marina Ramalho, que chegou a ser sua noiva, e por Julião Tavares, seu inimigo. Ainda no início dos enredos há a aproximação de Luís da Silva e o Homem do Subsolo, quando eles se referem a si mesmos como animais ou insetos. Luís da Silva, no trecho abaixo, estava em casa formando palavras a partir do nome de Marina, mas quando não consegue produzir novas combinações, ele divaga entre desenhos e indivíduos:

Quando não consigo formar combinações novas, traço rabiscos que representam uma espada, uma lira, uma cabeça de mulher e

outros disparates. Penso em indivíduos e em objetos que não têm relação com os desenhos: processos, orçamentos, o diretor, o secretário, políticos, sujeitos remediados que me desprezam porque sou um pobre-diabo. Tipos bestas. Ficam dias inteiros fuxicando nos cafés e preguiçando indecentes. Quando avisto essa cambada, encolho-me, colo-me às paredes como um rato assustado. Como um rato, exatamente. Fujo dos negociantes que soltam gargalhadas enormes, discutem política e putarias. (RAMOS, 1975, p. 8)

Com esse trecho é possível perceber que a animalização acontece porque Luís da Silva está falando sobre homens que ele nunca vai se tornar e, em razão disso, acaba os depreciando como “tipos bestas” ou de “fuxiqueiros.” Mas ainda assim, na hierarquia da sociedade urbana capitalista ele é um “pobre-diabo” e um “rato assustado” em comparação com esses tipos. No romance de Dostoiévski também é notável a comparação animalesca que o Homem do Subsolo faz consigo mesmo:

Tenho agora vontade de vos contar, senhores, queirais ouvi-lo ou não, por que não consegui tornar-me sequer um inseto. Vou dizer-vos solenemente que, muitas vezes, quis tornar-me um inseto. Mas nem disso fui digno. Juro-vos, senhores, que uma consciência muito perspicaz é uma doença, uma doença autêntica, completa. Para o uso cotidiano, seria mais do que suficiente a consciência humana comum, isto é, a metade, um quarto a menos da porção que cabe a um homem instruído do nosso infeliz século dezenove. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 18)

Aqui existe uma diferença entre Luís da Silva e o Homem do Subsolo, pois o primeiro compara-se de fato ao bicho, mas o segundo informa ao leitor que não passou nem de inseto por ser “indigno” disso, ou seja, ele é um ser tão insignificante que não consegue nem chegar à classe de inseto. Outra informação que o narrador menciona é que a “consciência perspicaz” é uma doença no “infeliz século dezenove”. Essa menção temporal do narrador remete à situação econômica russa da época, pois enquanto o restante do mundo experimentava os

adventos da modernidade, a Rússia permanecia construindo a civilização de fachada em São Petersburgo e disfarçava a pobreza no restante do país. O protagonista de *Memórias do Subsolo* reside na então capital russa e no trecho acima condena sua condição, porque considera o ato de pensar uma atividade penosa, devido ao cenário em que encontra a sociedade e seu país.

### Julião Tavares e o oficial da avenida Nevsky

Nesse momento, a análise parte para o estudo dos antagonistas dos romances. Eles exercem importante papel no enredo, porque representam o que os protagonistas mais detestam e desprezam na sociedade moderna. No caso de *Angústia*, o inimigo de Luís da Silva é Julião Tavares, homem capitalista que herdou os negócios da loja de secos e molhados de seu pai. Julião Tavares era: “gordo, bem vestido, perfumado, falador, tão falador que ficávamos enjoados com as lorotas dele. Não podíamos ser amigos” (RAMOS, 1975, p. 46-47). Julião Tavares representa na narrativa o modelo ideal do que seria o capitalismo, caso ele funcionasse para todos. Sendo herdeiro, Julião não necessita trabalhar para sobreviver e dinheiro jamais é problema em sua vida. Luís da Silva, no entanto, vindo da propriedade rural falida e tendo que recomeçar sua vida na cidade, percebe que a fórmula para o sucesso econômico parece não ter sido feita para ele. Na narrativa a dualidade dos sentimentos de Luís da Silva é explorada, visto que ele oscila entre o ódio que mantém por Julião Tavares, ao mesmo tempo em que deseja ter seu poder econômico. Essa duplicidade resultará na vingança dramática ao final do romance.

Após gastar muito dinheiro comprando enxoval, joias e roupas para Marina, sua vizinha e noiva, Luís da Silva fica endividado e sente que deve apressar o seu casamento. Na mesma época, no entanto, Julião se aproxima de Marina, tornando-se obsessão para Luís da Silva na medida em que este percebe seus planos sendo destruídos por causa do outro. Luís da Silva era novamente massacrado pelos ideais dos grandes burgueses – sendo a primeira



vez quando se mudou para a cidade e percebeu que não conseguiria adquirir o espaço que nela sonhava e, mais tarde, por um indivíduo que personificava essa classe inteira. Sem avisar Luís da Silva de que o noivado tinha acabado, Marina começa a namorar Julião Tavares; está claro para o protagonista que ela somente visa ao conforto que o casamento com Julião trará para ela em termos econômicos. Sua única solução seria liquidar Julião, segundo Coutinho (1978, p. 98): “o assassinio lhe parece a única maneira de afirmar a liberdade sempre desejada e jamais alcançada, a única forma autêntica possível de realização humana”. Outro ponto que irá culminar na vingança de Luís da Silva contra Julião Tavares é a sua postura com as mulheres, principalmente em relação a Marina. Diante de seu poderio econômico, Julião é visto como celebridade pelos moradores de sua cidade. Luís da Silva, no entanto, parece ser o único a perceber o verdadeiro caráter de Julião:

Com o jornal enrolado sobre o mármore, a mão gorda e curta distribuindo acenos, o sorriso nos beiços grossos, derretia-se para as moças que passavam na calçada. Por detrás das linhas brancas do espelho, a cara redonda se afogueava, as bochechas moles inchavam, o olho azulado queria escapular-se da órbita e meter-se no seio das mulheres. (RAMOS, 1975, p. 147)

Muitas vezes, ao longo da narrativa, Luís da Silva vai comparar Julião à figura de um porco: “a voz precipitada de Marina era ininteligível; a de Julião Tavares percebia-se distintamente e causava-me arrepios: fazia-me pensar em gordura, em brancura, em moleza em qualquer coisa semelhante a toicinho cru.” (RAMOS, 1975, p. 90). Julião era um tipo espaçoso e “derramado”, segundo o narrador de *Angústia* e sua aparência gorda demonstra a desigualdade social presente no romance, porque o personagem consegue ter fartura em sua mesa o suficiente para engordar, enquanto Luís da Silva ganha um salário que mal lhe serve para a sobrevivência.

As desconfianças sobre o abandono de Marina por Julião iniciaram depois que as visi-

tas à vizinha escassearam. Em uma manhã Luís estava no banheiro e escutou Marina tomando banho, o qual foi diferente dos que ele estava acostumado a escutar, visto que a parede que dividia o banheiro dos vizinhos era estreita. Ele percebeu que em Marina não havia mais aquela vaidade de outrora: “Naquele dia tudo se tornou claro, a suspeita que tive na rua se confirmou. Marina entrou no banheiro e esteve uns minutos em silêncio, despindo-se com lentidão. Os movimentos dela eram tão vagarosos que eu os percebia a custo.” (RAMOS, 1975, p. 128). A suspeita que se confirmava era a gravidez de Marina. O ódio de Luís da Silva por Julião Tavares aumentou ainda mais porque isso significava que, ao saber da gravidez, ele a abandonara. O Homem do Subsolo, por sua vez, tem como antagonista um oficial que o “humilha” na taverna:

Logo de início, um oficial teve um atrito comigo. Eu estava em pé junto à mesa de bilhar, estorvava a passagem por inadvertência, e ele precisou passar; tomou-me então pelos ombros e, silenciosamente, sem qualquer aviso prévio ou explicação, tirou-me do lugar em que estava, colocou-me em outro e passou por ali, como se nem sequer me notasse. Até pancadas eu teria perdoado, mas de modo nenhum poderia perdoar que ele me mudasse de lugar e, positivamente, não me notasse. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 62-63)

O protagonista, ultrajado com a “humilhação” de não ter sido percebido na taverna e movido pelo oficial como apenas um objeto no caminho, acaba planejando a vingança. Percebe-se em um primeiro momento, que ele passa a seguir o oficial<sup>4</sup> pela avenida Nevsky, a principal de São Petersburgo, e cuidar suas maneiras:

Embora também se desviasse ante os generais e outras pessoas de alta posição, e também se esgueirasse por entre eles como uma enguia, quando se tratava de pessoas da nossa espécie, ou mesmo um pouco melhor, ele simplesmente as pisava; ia na sua direção como se tivesse diante de si um espaço vazio, e jamais cedia caminho. Olhando-o eu me embriagava com a minha raiva,

mas... cheio de raiva, cada vez me desviava dele. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 66)

Nesse trecho é notável que o protagonista percebe a hierarquia da sociedade: o oficial não cede passagem na calçada quando indivíduos das classes baixas estão vindo ao seu encontro, mas dá lugar para oficiais de posto superior ao dele. Esse fato deixa o Homem do Subsolo enraivecido, mas não o suficiente para conseguir desviar dele nos encontros pela avenida. Até que, por conta dessa constatação, ele surge com a ideia de vingança, como exposto nesse trecho do livro: “e que tal, pensei, que tal se me encontrar com ele e... não ceder passagem? Não ceder passagem intencionalmente, ainda que seja preciso empurrá-lo, hem, que acontecerá?” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 67) Dito isso, o homem inicia a preparação para o encontro.

Percebe-se claramente na narrativa que a vingança se tratava somente de um momento de choque “ombro a ombro” na avenida com o oficial, mas, ainda assim, o personagem despende tempo e dinheiro comprando roupas melhores – caso o fato aparecesse nos jornais – para algo tão insignificante devido a outro acontecimento sem importância na taverna. Para o Homem do Subsolo, era uma afronta que o oficial o tivesse posto de lado para abrir passagem na taverna. Porém, para o oficial, esse momento foi tão comum e irrisório que ele mal se lembra do que havia acontecido, como será demonstrado posteriormente. Logo, a contradição que o homem subterrâneo causa é que ele deve considerar-se importante o suficiente para acreditar que o oficial lembra do acontecimento da taverna, mas que também seja tão desprezível a ponto de criar dívidas, somente para fazer-se notar para uma pessoa que, além de não lembrar de sua existência, considera pessoas de sua classe insignificantes. A vingança de ambos os protagonistas acontece, porém não traz o resultado esperado. Luís da Silva realiza sua vingança de forma muito mais trá-

gica que o Homem do Subsolo: assassinando seu adversário capitalista:

Retirei a corda do bolso e em alguns saltos, silenciosos como os das onças de José Baía, estava ao pé de Julião Tavares. Tudo isto é absurdo, é incrível, mas realizou-se naturalmente. A corda enlaçou o pescoço do homem, e as minhas mãos apertadas afastaram-se. Houve uma luta rápida, um gorgolejo, braços a debater-se. Exatamente o que eu havia imaginado. O corpo de Julião Tavares ora tombava para frente e ameaçava arrastar-me, ora se inclinava para trás e queria cair em cima de mim. A obsessão ia desaparecer. Tive um deslumbramento. O homenzinho da repartição e do jornal não era eu. Esta convicção afastou qualquer receio de perigo. Uma alegria enorme encheu-me. Pessoas que aparecessem ali seriam figurinhas insignificantes, todos os moradores da cidade eram figurinhas insignificantes. Tinham me enganado. Em trinta e cinco anos haviam-me convencido de que só me podia mexer pela vontade dos outros. (RAMOS, 1975, p. 182-183)

Nesse momento, Luís da Silva experimenta um ápice de poder que ele nunca havia sentido antes, pois até menciona que os habitantes da cidade o haviam feito acreditar que nunca pudera mexer-se sem seus comandos. Após desacordar Julião, com muito esforço ele o pendura enforcado em uma árvore, completando seu assassinato. Logo depois, são iniciados os tormentos de Luís da Silva causados pela febre. Ao chegar em casa, conseguiu lavar-se do sangue e da terra, mas não levantou da cama por duas semanas, quando acaba o relato. Já a vingança do Homem do Subsolo acontece da seguinte maneira:

De chofre, a três passos do meu inimigo, inesperadamente me decidi, franzi o sobrolho e... chocamo-nos com força, ombro a ombro! Não cedi nem um *vierchók* e passei por ele, absolutamente de igual para igual! Ele não se voltou sequer e fingiu não ter visto nada; mas apenas fingiu, estou certo.

4 Menção ao inimigo do Homem do Subsolo na Parte II do romance, esse oficial não possui um nome, portanto é chamado pela função que exerce.

[...] O oficial foi depois transferido não sei para onde, já faz uns quatorze anos que não o vejo. Por onde andaré agora o meu caro amigo? Em quem estará pisando? (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 69-70)

Antes do encontro dos personagens, tanto o leitor quanto o protagonista estão esperando que se trate de algo grandioso e tenha alta repercussão nas mídias da cidade devido ao cenário de preparo e expectativa criado através da narração. Porém, quando de fato acontece, o oficial nem sequer deixa-se abalar pelo choque que leva do Homem do Subsolo. O personagem vai para casa sentindo-se vitorioso, mas, como explicado ao final do trecho, essa sensação de vitória termina cedo, porque ao perceber que não houve nenhuma mudança em sua vida, ou na realidade em que vivia após essa “vingança”, ele cai definitivamente ao subsolo, desiludido e resignado.

Após alguns dias em casa e refletindo sobre o assassinato, Luís da Silva adoece e passa semanas na cama, sem trabalhar. Em seu leito ele visualiza diversas alucinações em relação ao seu passado, às suas leituras, aos seus amigos e aos fatos que haviam acontecido nos últimos anos até a morte de Julião e, dessa forma, acaba o romance. Voltando ao início da narrativa, onde o personagem menciona haver se levantado há cerca de trinta dias, o leitor tem a certeza que todos os seus esforços haviam sido em vão. Salvo suas diferenças, tanto Luís da Silva quanto o Homem do Subsolo depositaram suas angústias perante uma hierarquia social em apenas um representante dela e, por esses motivos, não obtiveram sucesso.

### Considerações finais

*Angústia e Memórias do Subsolo* foram analisados neste artigo, de forma que dialogassem entre si, seja por meio de seus protagonistas ou de seu enredo. Os romances foram associados de modo que um ampliasse o significado do outro mutuamente. Foi possível concluir que existem algumas discrepâncias entre as narrativas e seus personagens, mas que essas diferenças somente contribuem para a constru-

ção da análise feita neste artigo. Dessa maneira, os objetivos da pesquisa foram concluídos, porquanto o contexto histórico recortado e sua crítica foram percebidos nos trechos analisados dos romances, bem como seu impacto na literatura dos autores aqui estudados; demonstrou-se que os protagonistas, e seu modo de agir e pensar, refletiam a sociedade moderna pela ascensão do capitalismo e dos valores burgueses através da análise dos romances e embasamento nos teóricos e críticos citados. Foi possível também elucidar as vantagens e desvantagens do fenômeno moderno e suas consequências para as relações sociais e os indivíduos. A angústia, a revolta e as paranoias dos protagonistas foram igualmente abordadas pelo intermédio da demonstração de trechos das obras.

Por fim, conclui-se que Luís da Silva e o Homem do Subsolo representam o sentimento da vida na sociedade moderna, que é a sensação de não pertencimento e vontade de mudança, porém sem os meios para sua realização. Vive-se na ilusão de que é possível a ascensão econômica, mas, durante o processo de tentativa de realização desses objetivos, o ser humano acaba perdendo justamente o que o mantém ativo, que é sua própria identidade. O crescimento econômico, em um mundo subordinado ao capital, requer uma atitude egoísta que, como apontado nos romances, leva o ser humano à frustração e ao ódio, porque fica claro que o “topo” só pode ser alcançado por ínfima porcentagem da população.

### Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 37.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad: Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018, p. 48-52.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad: Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. 1. ed. São Paulo: Companhia as Letras, 2007, p. 210-211.

- BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. Campinas: Editora Unicamp, 2006, p. 47.
- COUTINHO, Carlos Nelson. Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sônia. *Graciliano Ramos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 74-103.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. Trad: Boris Schnaiderman. 6 ed. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 18-70.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Trad: Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991, p. 39-40.
- MELO, Rafaela Marra. *O pobre-diabo no centro do palco narrativo: uma leitura comparatista entre Dostoiévski e Graciliano Ramos*. 133 f. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2019, p. 15-22.
- RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 15 ed. Rio, São Paulo: Record, Martins, 1975, p. 7-183.

### Como Citar:

VALANDRO, A. P.; RUFFINI, M.; FIORUCCI, W. R. Pontos de contato entre Graciliano Ramos e Dostoiévski. *Revista Cerrados*, 31(58). p. 222-233. <https://doi.org/10.26512/cerrados.v31i58.40857>.